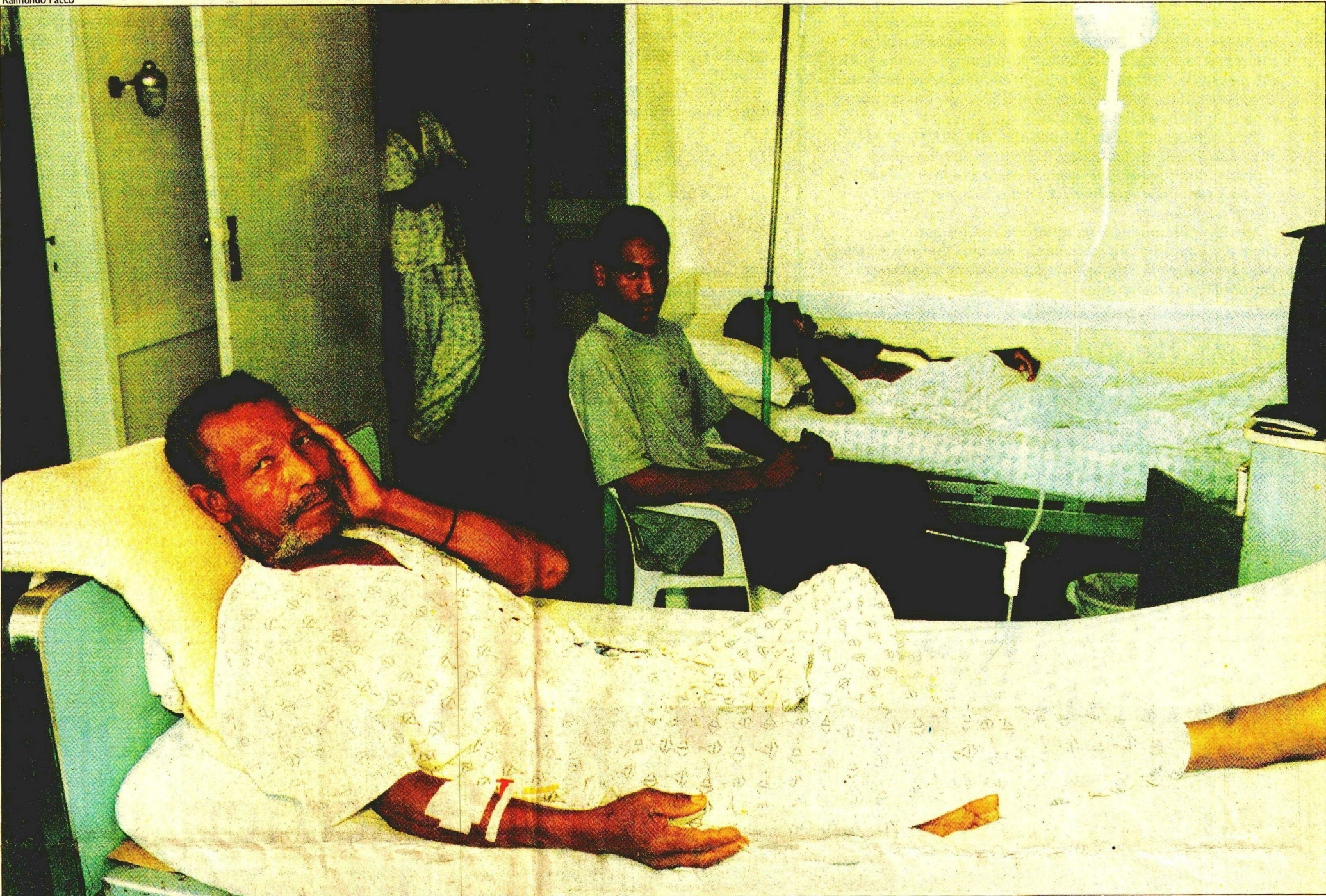




Agripino Pereira Bruno tem dificuldade para comer e precisa ser operado rapidamente. Ele pode ser um dos beneficiados pelo mutirão de emergência que será feito pela Secretaria de Saúde

MUTIRÃO DA VIDA

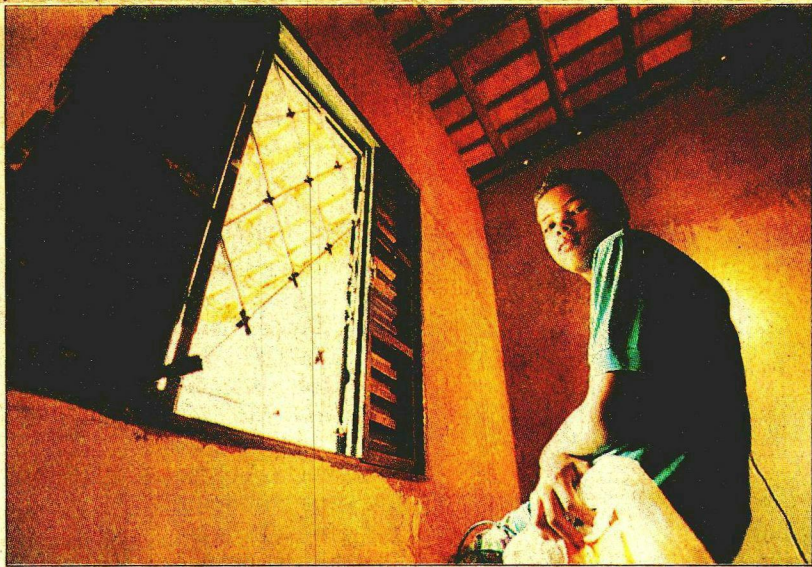
Todos os dias são iguais. A noite parece não ter mais fim. A espera é angustiante e dolorosa. Roque

Araújo Gomes, de 29 anos, não pisa na rua desde o dia 27 de dezembro. Cleuza Guimarães, 50 anos, reza para conseguir dormir. Agripino Pereira Bruno, 63 anos, sofre para comer. No quarto andar do Hospital de Base, eles estão à espera de uma cirurgia. Bem próximo, o centro médico nem está lotado. Na verdade, há muitas salas disponíveis. Mas não há médico para tanto paciente.

A chamada "fila da morte" tem mais de dois mil nomes. A Secretaria de Saúde avisa que, fácil, fácil, chegue a mais de três mil pessoas, numa contagem precisa. Pelo menos 200 pacientes estão entre a vida e a morte. São cancerígenos. Outros têm hidrocefalia (crescimento exagerado do cérebro) ou aneurisma (dilatação de artéria ou veia). Todos precisam de uma cirurgia de emergência.

A agonia pode estar perto do fim. Em uma semana, cirurgiões vão ar-

Jefferson Rudy 27.11.97



João dos Reis Lisboa espera por uma cirurgia desde julho e tem de viver em casa

regaçar as mangas, num mutirão pela vida. A Fundação Hospitalar vai pagar dobrado para quem se propuser a trabalhar mais e suprir a carência de pessoal. O trabalho começa pelo Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF), mas também vai envolver os hospitais da Ceilândia, Asa Norte, Gama, Sobradinho, Taguatinga e Hospital Materno Infantil, na L2 Sul. Ficam de fora apenas Planaltina e Brazlândia.

Cada hospital ficará responsável por uma ou mais especialidades. O HBDF deve centralizar as cirurgias de cardiologia e neurologia. Os pacientes serão transferidos de acordo com o problema, por meio de uma lista central que será controlada pela Secretaria de Saúde. "A ordem que será seguida é de prioridade. Em primeiro lugar, a gravidade do paciente e em segun-

do, ele ser do Distrito Federal", avisa a secretária Maria José Maninha.

"Nós esperamos esgotar essa lista dentro de oito a dez semanas", estima. O esforço concentrado deve custar cerca de R\$ 1,5 milhão ao governo. É a previsão de gastos no pagamento de horas extras aos médicos, enfermeiros e auxiliares que se candidatarão ao mutirão. Os recursos são do Sistema Único de Saúde (SUS) e já estão "em caixa", segundo a secretária. Serão formadas equipes com 13 profissionais cada, do cirurgião ao instrumentador, até enfermeiro e agente administrativo. As escalas deverão ser definidas hoje.

Pela ordem, as primeiras cirurgias a serem marcadas serão as neoplasias (câncer). Depois, será a vez dos pacientes internados. Só no Hospital de Base, o maior da rede,

há 64 doentes ocupando leitos desnecessariamente na falta de uma vaga no centro cirúrgico. Diabético, o baiano Roque Araújo veio de Mato Grosso para operar de duas hérnias no umbigo, que incham a barriga. Mas a operação já foi adiada duas vezes. "Eu fiquei chateado. Mas eles disseram que chegou gente morrendo, baleado, que precisava fazer a cirurgia primeiro", contou.

LARANJA

A costureira Cleuza Guimarães deve tirar, na próxima quinta-feira, "um caroço" na barriga do tamanho de uma laranja. Longe de casa, do marido e dos filhos, ela se apavora com a idéia de ter a operação adiada. "Deus me livre. Daí eu vou chorar", brinca, para driblar o nervosismo. "Precisa muita paciência, força de vontade e coragem", desabafa. Apesar disso, ela agradece por já estar internada. "Aí tem gente muito pior", acredita.

Gente como a dona de casa Maria Lisboa Santos, 39 anos. Na modesta casa em Sobradinho II, ela se divide entre o filho do meio, João dos Reis Lisboa, 11 anos, e a caçula, Mariane, com apenas um mês de vida. João nasceu com um problema na bexiga, conhecido como extrofia. O xixi e as fezes vazavam por um buraco na barriga e ele tem que usar uma sonda para urinar.

Calado, ele espera pela quinta cirurgia desde julho do ano passado. Vive em "prisão domiciliar". Abandonou a escola, por causa do risco dos colegas puxarem a sonda. Não pode sequer jogar bola. "Na semana

passada eu deixei ele brincar. Mas depois começou a sair uma secreção branca, esquisita", conta a mãe.

Por causa da mangueira e do saquinho de supermercado que carrega cuidadosamente nas mãos, João não pode sair de casa. Nada de parques, shoppings, sorveterias. Na sexta-feira passada, a mãe levou-o ao Hospital de Base para trocar o aparelho. Disseram que havia 17 pacientes na frente. A próxima consulta foi marcada para abril. A cirurgia, não se sabe. "Vai pelo menos mais três meses de exame", diz a dona de casa.

Como o marido está desemprego, a única alternativa é esperar. "Eu não tenho palavras para dizer o que sinto. Às vezes a gente, que é mãe, não sabe se existe ou se só está vivendo", reclama.

Conformidade, humildade, falta de instrução e de dinheiro são as principais características dos pacientes que aguardam por uma cirurgia na rede pública de saúde. "Nesta lista não tem ninguém que more no Lago Sul ou no Plano Piloto", diz o médico Luciano Carvalho, chefe da Unidade de Urologia do Hospital de Base.

A falta de anestesiologistas foi um dos fatores que agravou o atendimento. Há vagas no Hospital de Base e nos hospitais de Taguatinga, Gama e Planaltina. Mas o salário de pouco mais de R\$ 1.300 não atrai a categoria. Pelo menos com relação às outras especialidades, as perspectivas são boas. A Fundação está convocando mais de 100 médicos aprovados no último concurso, além de 90 enfermeiros e 301 auxiliares de enfermagem.